

O OLHAR JESUÍTICO SOBRE A MORTE: O CASO DE SAMUEL FRITZ

ÚRSULA ANDRÉA DE ARAÚJO SILVA

Departamento de História – UFRN

RESUMO

A morte deveria ser para nós um fato natural já que sabemos que essa é a única certeza que temos ao longo da vida desde que nascemos. Contudo, esse evento ainda é muito estranho a nós, o que provoca uma série de reações e questionamentos quando nos deparamos com ela ao nosso redor. Mas, sempre foi assim? Como os indígenas comportavam-se perante a morte? E os religiosos? Considerando essas perguntas queremos apresentar o relato da morte de um missionário jesuíta, Samuel Fritz, que atuou na Amazônia Colonial junto aos índios Omágua. Esse missionário produziu um diário onde narra sua experiência neste local e a descrição de sua morte foi feita por outro jesuíta, Pablo Maroni, que nos oferece uma leitura hagiografia da sua passagem.

Palavras-chave: Morte, Jesuítas, Amazônia, Samuel Fritz.

Samuel Fritz nasceu na Bohemia (Áustria) em 1654 numa família nobre e ingressou em um dos Colégios da Companhia de Jesus aos 19 anos. Nosso padre resume sua experiência na região de Maynás em seu Diário e apresenta-se em seu discurso como um religioso preocupado com as almas a salvar, embora não deixe de empreender uma defesa da Coroa, pois estava ali a serviço da Espanha e entrando em confronto com as tropas portuguesas. Podemos ali observar a guerra e disputas pelo espaço, as ações luso-brasileiras, espanholas, indígenas e missionais. Justamente pelo fato de ter impetrado a defesa territorial e dos índios foi-lhe atribuída uma imagem de santo e talvez mesmo pelo fato de ter alcançado algum êxito na doutrinação dos Omágua em razão de se tratar de uma nação temida pelas demais.

Assim, vamos iniciar com uma narrativa geral sobre sua atuação em Maynás e depois veremos alguns fatos que o deram atributo de santo. Utilizaremos para tal o Diário produzido por Samuel Fritz que é uma fonte pouco explorada em sua totalidade, mas que por fornecer dados importantes sobre a inserção de inúmeras aldeias indígenas à sociedade colonial e sobre o embate diplomático envolvendo as Coroas Ibéricas tem sido referência nos estudos sobre os conflitos de fronteira entre Portugal e Espanha.

Trabalhamos com duas versões disponíveis: uma de Pablo Maroni¹ sendo parte da obra *Noticias autenticas Del famoso rio Marañon (1738) seguidas de las relaciones de los P. P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)*, publicada em Iquitos, Peru pelo Instituto de Estudios de la Amazonía Peruana e Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía em 1988 e outra de Rodolfo Garcia² que está publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1917. Além do Diário o padre produziu um mapa que traçou contendo os territórios que havia conquistado para a Coroa de Espanha, porém ele não será trabalhado nesse estudo.

A compilação produzida por Pablo Maroni é mais extensa e detalhada, destacando o caráter hagiográfico do padre e sua atuação diplomática, apresenta aspectos de interculturação não explorados pela outra versão. A versão que Rodolfo Garcia escreveu é uma tradução do Diário para a revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) na qual reconhece a importância da fonte por narrar a inserção dos índios amazônicos na sociedade colonial e a disputa territorial operada pelos luso-brasileiros e espanhóis, apresenta uma larga introdução e um estudo historiográfico. Ambos os autores são jesuítas e caracteristicamente dão um caráter propagandístico à obra, mesmo porque é sabido que a Companhia de Jesus tinham como característica e obrigação a documentação das ações nas missões e que, obviamente, muitas coisas eram embelezadas.

Tendo caracterizado o universo no qual nosso padre estava inserido, vamos passar propriamente ao seu discurso, lembrando sempre que se vivia naquele momento uma forte disputa territorial que colocava seus aldeamentos em posição de conflito.

Samuel Fritz chegou à Amazônia no ano de 1686 a pedido dos próprios Omágua, de acordo com o Diário, para tentar resolver a questão do avanço das tropas luso-brasileiras naquele território. Vejamos como foi sua recepção.

Habiendo, pues, tenido noticia aquellos bárbaros que habian llegado de Quito á La Laguna nuevos misioneros y que el uno de ellos se estaba previniendo para bajar á sus tierras, llevados de superior impulso, en treinta y más canoas subieron

¹ MARONI, Pablo. **Noticias autenticas Del famoso rio Marañon (1738) seguidas de las relaciones de los P. P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)**. Iquitos (Perú): Instituto de Estudios de la Amazonía Peruana; Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1988.

² GARCIA, Rodolfo. **O Diário do padre Samuel Fritz**. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, 1917.

*á encontrarle; lleváronlo muy alegres á su primer pueblo, y al llegar puerto, no contentos que subiese de la canoa por sus pies, le cargaron á porfia en sus brazos, y entre danzas e música de flautas, pífanos y otros instrumentos, fueron llevándolo á la posada que le tenían prevenida. Lo mismo hicieron en los demás pueblos situados en treinta y más islas, que fué corriendo el Padre cuanto antes, para darse á conocer y comunicarles las primeras noticias de la religion xtiana.*³

Pela descrição dada no Diário parece-nos que sua chegada foi uma verdadeira festa, talvez por não haver a real noção das dificuldades de adaptação entre eles e o padre que tinha como seu principal foco a cristianização dos índios que viviam ali. A primeira dificuldade posta certamente foi deparar-se com homens totalmente diferentes e com costumes diversos.

Os Omágua distinguiam-se dos demais indígenas pelo costume de achatado o crânio sendo considerado um distintivo de beleza na sua cultura. Betty Meggers destaca a técnica narrada por Fritz: “este formato era dado na infância ‘colocando na testa dos bebês uma pequena prancha ou um entrançado de junco amarrado com um pouco de algodão, para não os ferir, e os amarrados pelos ombros a uma pequena canoa que lhes servia de berço’.”⁴ Essa tradição foi descrita no Diário como herança do Diabo.⁵

Além disso, havia o hábito de migração para terras mais altas anualmente devido às enchentes. “*Para escapar á grande enchente que sóe haver neste rio todos os annos, en fins de Janeiro de 1689, da reduçõ de São Joaquim dos Omaguas, que é principio de minha missão, descí á aldeia dos Jurimaguas.*”⁶

Sobre esse povo “os primeiros cronistas falam em *províncias* governadas por *senhores*, geralmente sugerindo um poder político centralizado”.⁷ O povo Omágua estava organizado em aldeias com chefe próprio e governador e estas unidas formavam províncias que possuíam um chefe supremo. Referiram-se à guerra pela qual mantinham grandes áreas despovoadas,

³ MARONI, Pablo. **Noticias auténticas Del famoso rio Marañon (1738) seguidas de lãs relaciones de los P. P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)**. Iquitos (Perú): Instituto de Estudios de la Amazonía Peruana; Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1988. p. 309-10.

⁴ Fritz *op cit* MEGGERS, Betty J. **Amazônia**. A ilusão de um paraíso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 157.

⁵ Ibid. p. 304.

⁶ GARCIA, Rodolfo. **O Diário do padre Samuel Fritz**. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, 1917. p. 375.

⁷ HOORNAERT, Eduardo (coord.). **História da Igreja na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 32.

Os Omagua viviam em contínuo estado de guerra com as tribos do interior. Para a defesa, as aldeias eram cercadas de paliçadas, ou localizadas em ilhas, onde ficavam inacessíveis aos habitantes da terra firme que não possuíam canoas. As incursões eram motivadas pelo desejo de vingança ou de adquirir escravos. Os velhos e as mulheres, que não prestavam para a escravidão, eram mortos imediatamente, enquanto os cativos de categoria elevada ou coragem notável que, se deixados vivos, representariam um perigo constante, eram mortos no decorrer das cerimônias. As cabeças eram, conservadas dentro das casas, como troféu.”⁸

Segundo Betty Meggers apesar da ostensiva belicosidade dos Omagua, a guerra não funcionou como um método de controle populacional. Aponta inclusive um acordo de defesa mútua do chefe Omagua com vizinhos da fronteira na várzea. Em contraponto ajudavam a frear o aumento da população da terra firme e faziam os prisioneiros necessários para engrossar as fileiras de mão-de-obra, além de praticarem o infanticídio. A lança de dardos tinha múltipla função, tanto era usada na caça, na pesca como na luta. Machados e enxós eram ferramentas para o trabalho agrícola produzidas de pedra ou com casco de tartaruga.

“... os prisioneiros dos Omagua eram considerados enquanto propriedade e suas atividades se definiam pela condição de empregados e não pelas relações de parentesco.”⁹ Não possuíam habilidades diferentes daquelas já existentes na comunidade e quando ocorriam momentos de crise de alimentos, eles eram descartados sem prejuízo à aldeia. Isso funcionava também como um controle populacional. Outro ponto destacado pelos primeiros cronistas foi o comércio. Contatos esporádicos com outros povos acabaram por incluir em redes comerciais locais e internacionais. Samuel Fritz oferece-nos uma dimensão desse comércio: “*Taromases* comercian con los *Caripunas* y otros amigos de los franceses de la *Cayana* (sic), de quienes tenían una escopeta.”¹⁰ Aqui está citado não somente o comércio, mas também a aquisição de

⁸ Ibid. p. 162.

⁹ MEGGERS, Betty J. **Amazônia**. A ilusão de um paraíso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 177.

¹⁰ MARONI, Pablo. **Noticias autenticas Del famoso rio Marañon (1738) seguidas de lãs relaciones de los P. P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)**. Iquitos (Perú): Instituto de Estudios de la Amazonía

produtos diferentes dos usados pela sua cultura como é o caso da referida escopeta. Em outro trecho temos referido o comércio entre os próprios índios.

Reparé que, no obstante que todos mostraban deseo de seguirme para arriba, tienen muchos motivos que los retraen de esta resolucion; y es el principal, que viviendo allá abajo, con facilidad y poco costo se proveen de herramienta inglesa del río Orinoco, porque la compran con unos abalorios que hacen de caracoles. [...] Con esos abalorios van los comerciantes [...] á tierras de otros infieles y rescatan unos cautivos; estos despues los llevan por el Rio Negro á los Guaranacuas, hasta donde llegan los ingleses, porque pocos días median de estos Guaranacuas, caminando por tierra se llega á los Pajonales y río Orinoco.¹¹

Desta forma, percebe-se a importância que a atividade comercial obteve entre os indígenas amazônicos que participavam tanto de um comércio inter-tribal como a nível internacional. Essa tradição comercial desempenhava uma outra atividade: o desbravamento de terras. Isso colocou os Omágua cada vez mais em contato com povos do interior e mais próximos dos caminhos luso-brasileiros. Mas, a tarefa de interiorização na Amazônia não foi fácil de ser posta em prática. Havia uma luta constante entre os agentes espaciais na fronteira entre as Coroas Ibéricas na Amazônia.

A população das missões era constantemente acrescida de fugitivos do baixo rio, que procuravam o asilo sagrado contra as brutais incursões portuguesas em busca de escravos. Em 1710, entretanto, expedições particularmente devastadoras penetraram na zona das missões, provocando o seu abandono e a retirada dos sobreviventes. A missão de San Joachim de Omaguas foi restabelecida abaixo da foz do Ucaiali mas, em 1731, tinha apenas 522 habitantes. A língua Omagua, que pertence à família lingüística Tupi, foi escolhida pelos missionários para a comunicação oficial intertribal e para o catecismo.¹²

Peruana; Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1988. p. 323.

¹¹ Ibid. p. 337.

¹² MEGGERS, Betty J. **Amazônia**. A ilusão de um paraíso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 156.

Tantos homens com um só objetivo: a defesa da sua gente. A fronteira imaginária era personificada pela atuação dos corpos no espaço; onde houvesse um homem ali estava a fronteira.¹³ No caso trabalhado aqui essa fronteira era uma verdadeira muralha do sertão¹⁴ que era constituída por mais ou menos 28 tribos sob o controle de Samuel Fritz.

Sua ação missionária não se restringiu a doutrinar os indígenas. Durante algum tempo acreditou-se que a área onde as missões de Maynás estavam alocadas correspondiam ao *El Dorado*, isso impulsionou expedições até o local e na ocasião da viagem de Pedro Teixeira, segundo seu relato, foi deixado ali um marco de posse. Fritz negava o fato e apontava para outro lugar a localização desse marco.

Eu, desde o principio de minha chegada, havia reclamado sôbre esse poncto, mostrando-lhes com evidencia que as provincias em que até então missionara, fôra de toda controversia, se comprehendiam dentro dos limites da Corôa de Castella, o que não negavam todos os peritos; mas o governador não deu outra resposta ao padre Superior senão dizer-lhe:" - Não havemos de dar credito ao que diz o padre castelhano". Vendo-me coagido, sem poder ir á minha missão, quiz embarcar para Lisbôa, appellando para as magestades castelhana e portugueza, a dar contas de mim, para que ficasse em sua immuidade e liberdade o Evangelho de Christo: mas todas as minhas diligencias se malograram, e assim estive detido naquella cidade dezoito mezes com farta afflicção de meu coração, pelo amparo em que ficavam assim meus neophytos e outros muitos infieis, que havia deixado com bôas disposições para reduzir.¹⁵

De acordo com o Diário de Samuel Fritz, os portugueses valiam-se de uma “cedula da Real Audiencia de Quito” que dava à tropa de Pedro Teixeira o direito de

¹³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. SOUZA, Laura de Mello e. **Formas provisórias de existência**. A vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: NOVAIS, Fernando. **História da Vida Privada**. V. 1. Companhia das Letras, 1997.

¹⁴ Expressão desenvolvida por Nadia Farage em **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra / ANPOCS, 1991.

¹⁵ GARCIA, Rodolfo. **O Diário do padre Samuel Fritz**. Rio de Janeiro: Revista do IHGB, 1917.

tomar posse da Aldeia do Ouro na subida do rio Marañon.¹⁶ Porém, o padre contestava sob a alegação de que o marco referido estava situado mais acima da província dos Omágua.

Todos esses impasses foram largamente discutidos na ocasião em que ficou prisioneiro no Colégio do Pará mediante a suspeita de espionagem, inclusive com correspondência ao embaixador ordinário de Castela em Madri. Para desfazer os mal entendidos, Fritz não cansava de argumentar e se corresponder com as autoridades de quem esperava uma solução rápida. A resposta tão esperada chegou 19 meses depois e lhe era favorável. Durante esse período sua imagem foi fortalecida entre seus índios.

A 13 encontramos a dos Yurimaguas que iban huyendo y decían que todos estaban huidos en los pueblos cercanos porque un indio Ibanoma, llamado Manota.... los había alborotado, diciendo no venía más el padre, sino los portugueses quemando, cautivando y matando.¹⁷

A atuação de Samuel Fritz também foi pautada numa ação diplomática. Por inúmeras vezes ele teve que administrar conflitos e argumentar a legalidade de sua territorialidade, viajou diversas vezes por esse motivo indo a Quito e até se disponibilizando para viajar à Corte para pôr fim aos desentendimentos. Talvez essa atitude fosse um tanto ingênua para alguém tão perspicaz, um homem que sozinho conseguiu pacificar um contingente indígena enorme não poderia acreditar que fosse conseguir somente através da palavra retirar as pretensões territoriais daqueles que avançavam para sua região e que viviam sob a lógica da conquista e do *status*. Um exemplo de sua atuação diplomática foi o encontro com o frei Vitoriano Pimentel.

Os domínios de Espanha e Portugal ainda não haviam sido definidos na Amazônia, o que só seria feito muitos anos depois, a partir de 1750. Santo Elías do Jaú não tinha uma

¹⁶ Ibid, p. 385.

¹⁷ Fritz in MARONI, Pablo. **Noticias autenticas Del famoso rio Marañon (1738) seguidas de lãs relaciones de los P. P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)**. Iquitos (Perú): Instituto de Estudios de la Amazonía Peruana; Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1988. p. 316 ss.

economia forte, por mais interesse que missionários e colonos pudessem ter no extrativismo – as drogas do sertão – que já se havia iniciado no vale do rio Jaú e seus afluentes. O papel daquela ponta-de-lança criada por portugueses no rio Negro era nitidamente geopolítico: Santo Elias do Jaú era uma fronteira, no fim do século XVII, a ponta mais avançada do processo de expansão (mercantilista) português pela Amazônia. Frei Vitoriano Pimentel sabia disso, pois um dos objetivos principais de sua viagem de 1702 era tentar convencer o padre Samuel Fritz – jesuíta a serviço da Espanha, residente no Solimões – da legitimidade das reivindicações territoriais portuguesas sobre longos trechos desse rio. O encontro entre Pimentel e Fritz acabou ocorrendo em fevereiro de 1703, na missão de Santa Maria Maior – imediações de Tabatinga.”¹⁸

Aqui se reconhece o valor diplomático da ação do padre Samuel Fritz que não só nessa ocasião foi requerido para legislar sobre a questão da territorialidade das missões. Recorrentemente o padre e seus índios eram importunados sob a justificativa de que sua ação passava-se fora da jurisdição que lhe competia apesar de ter recebido o aval do rei.

A tarefa estava longe de ser fácil para qualquer religioso que tivesse que se deparar com aquela realidade: toda uma população clamando por paz, mas que não podia e não devia, por questão de sobrevivência, largar sua tradição bélica. A única instituição que havia ali era o corpo tanto do padre como dos índios que deviam atuar como a própria fronteira. Samuel Fritz após muitos anos de luta e diplomacia morre em 1715, o que acaba por dar mais espaço aos projetos de interiorização da Amazônia.

Durante o período que pregou e peregrinou ali, passou bastante tempo doente, chegando a quase morrer, porém sem esmorecer na fé e na missão. Por causa de tantos feitos, foi possível construir uma imagem de santo. Sua morte foi um espetáculo à parte e a transposição da última fronteira. Longe de estar despreparado para a morte devido a sua fé e ao seu estado de saúde, o padre ainda consolava seus seguidores.

Dos dias antes, esto es, el dia 18 de marzo, dijo á un Padre que le acompañaba: “Non videbo diem nativitatis meae.” (Es á saber que el dia 9 de abril cumplía los setenta y uno de su edad). Ese mismo dia, en que se pudo decir se dió á

¹⁸ LEONARDI, Victor. **Os historiadores e os rios**. Brasília: UNB, 1999. p. 28-9.

*si mismo el viático, habiendo hecho poco antes confesión general, despues de misa, estando junto todo el pueblo en la iglesia, como quien se despedia de sus amados hijos, con particulares muestras de ternura les dijo rogasen y pidiesen á Dios se cumpliese en él su santísima voluntad en cuanto á vivir ó morir, que no pedia la vida sino para cuidar de sus almas y mostrarles el camino de su salvación; y que, se muriese, rogasen á Dios por el descanso de su alma, pues les habia querido mucho.*¹⁹

De acordo com Maroni, ele previu ou pressentiu não chegar a comemorar seu aniversário e nem sequer rezar missa no dia do santo de devoção, São Joaquim em decorrência do seu estado físico e espiritual. *“Pero este no quiso sino que fuese á celebrar su fiesta en el cielo, pues amaneció muerto de un golpe, como se discurre, de apoplejía.”*²⁰ Ao se espalhar tal notícia, todo o povoado pôs-se a chorar como quando perdiam um parente querido e a disputar um lugar para constatar com seus próprios olhos o fato. Concorreram todos à casa do Padre, sem querer dia e noite apartar-se do cadáver até que se enterrou entre prantos, soluços e suspiros contínuos, não se satisfaziam de olhar e diziam que parecia vivo. Aqui e com estas palavras consolida-se a figura santa do padre Samuel Fritz.

*En la realidad, e habiéndolo puesto en el ataúd con las vestiduras sacerdotales, el rostro, que antes era pálido y mortal, se puso muy colorado y hermoso, como cuando era vivo, conciliándose amor antes que horror. Así acabó sus dias este santo varon, digno de vivir muchos siglos, siquiera hasta acabar de convertir á todos los infieles del Marañon.*²¹

Neste dia consagrou-se o apostolado de Samuel Fritz sem, contudo, finalizar sua missão que foi propagada através de seu exemplo pelos que conheceram sua luta e a continuaram. Como vimos, o relato no Diário de sua morte é comovente e constituída

¹⁹ MARONI, Pablo. *Noticias auténticas del famoso río Marañón y misión apostólica de la Compañía de Jesús [...], escribías por los años de 1738 un misionero de la misma compañía.* p. 370.

²⁰ Ibid.

²¹ MARONI, Pablo. *Noticias auténticas del famoso río Marañón y misión apostólica de la Compañía de Jesús [...], escribías por los años de 1738 un misionero de la misma compañía.* p. 370.

de uma mística que tentava lhe atribuir ou reforçar uma imagem santa. Sua morte foi um espetáculo à parte e a transposição da última fronteira.

Podemos concluir que tivemos a oportunidade de verificar como o Diário deixado pelo padre Samuel Fritz pôde ajudar a compor uma parte da história do país dando conta de fatos que se desenrolaram numa terra tão isolada, mas ao mesmo tempo tão conectada com a geopolítica atlântica e os interesses mais profundos da política atlântica. A Amazônia representava naquele momento uma possibilidade de comércio muito vantajoso e já profícuo através da ação de franceses, ingleses, holandeses e toda sorte de contrabandista, posto que vigiar todo o território brasileiro era impossível e que em grande medida isso era feito por cada homem que se sentisse ameaçado e que também se sentisse dono ou nativo, um papel desempenhado extensivamente pelos índios que desde os primeiros contatos mostravam-se pacíficos, amigáveis, adjetivos e atitudes facilmente modificadas ao tomar ciência dos reais objetivos de alguns conquistadores e desbravadores. Guerreiros e defensores eram esses homens que lutaram por aquilo que acreditavam e que muitas vezes foram vencidos pela falta de apoio institucional e administrativo.